

Parte II - Aspectos da narrativa rosiana

6 - A construção do sertão em Guimarães Rosa

Maria Célia Leonel
Edna Maria F. S. Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEONEL, M. C., and NASCIMENTO, E. M. F. S. A construção do sertão em Guimarães Rosa. In: *Guimarães Rosa: dimensões da narrativa* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 105-119. ISBN: 978-65-5714-301-8.
<https://doi.org/10.7476/9786557143018.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

6

A CONSTRUÇÃO DO SERTÃO EM GUIMARÃES ROSA

Sentidos de sertão

O problema que nos propomos a examinar neste estudo é constituído pelos sentidos que sertão assume ao longo da obra de Guimarães Rosa. Assim, investigamos a constituição desse tema nas primeiras produções do autor – contos publicados na revista *O Cruzeiro* e em *O Jornal*, bem como poemas de *Magma* – e na obra posterior, começando por *Sagarana* e chegando a *Grande sertão: veredas*.

Partimos da discussão de duas hipóteses quanto à ocorrência do significante *sertão* nos textos rosianos. Em primeiro lugar, debatemos a suposição de que tal significante aparece de modo rarefeito nos primeiros escritos de Guimarães Rosa, intensificando-se nas narrativas posteriores. Em segundo lugar – e esse é o ponto mais importante –, procuramos discutir a hipótese de que os sentidos investidos nas manifestações do significante modificam-se. As transformações observadas derivam diretamente do modo como cada obra trata das relações entre o homem e o universo que o circunda.

O objeto de nosso trabalho – os sentidos de sertão em textos de Guimarães Rosa – é de natureza linguística, por conseguinte, cultural. Isso significa dizer que observamos a construção do signo *sertão*

como um produto da linguagem, uma representação simbólica. A questão que se apresenta é: representação de quê?

Todavia, não se trata unicamente do signo linguístico *sertão*, mas dos sentidos de *sertão* em textos rosianos, que podem estar indicados por meio de outros significantes. Em princípio, o referente desse signo linguístico é o mundo extralinguístico que se refere ao mundo natural. Nesse caso, temos que propor a transformação do signo “natural” *sertão* em uma invariante, pela operação de redução, o que nos parece um problema complexo, mas passível de ser tentado.

Como alguns significados de *sertão* estão consignados em dicionários, acreditamos poder partir de descrições de tais significados, sintetizadas no *Novo dicionário da língua portuguesa*:

1. Região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas.
2. Terreno coberto de mato, longe do litoral.
3. Interior pouco povoado.
4. *Bras.* Zona pouco povoada do interior do Brasil, em especial do interior semiárido da parte norte-ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação de gado prevalece sobre a agricultura, e onde perduram tradições e costumes antigos. (Ferreira, 1999, p.1.845)

A primeira definição repete-se, por exemplo, no *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1982, p.718), onde se acrescenta o seguinte esclarecimento: etimologia desconhecida. Já o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955, p.466), mais antigo que o anteriormente citado, registra: “Forma aferética de *desertão*, segundo Maximino Maciel [...]. É de explicação difícil o ensurdecimento do *s* sonoro”.

Alguns traços de significado próprios de *sertão* parecem fundamentais e dizem respeito à espacialidade: lugar não cultivado, distante. As três definições iniciais do primeiro dicionário citado, em linhas gerais, contemplam os componentes referidos. A última definição transcrita situa o *sertão* na realidade brasileira e não nos interessa no momento.

Nada há, nos componentes contemplados nas três descrições introdutórias do dicionário, acerca da funcionalidade de *sertão*,

embora possamos perguntar se se trata de campo que pode ou não ser povoado e cultivado. De todo modo, ficamos com a noção de campo não cultivado, longe (de povoações).

O sertão na obra imatura

Introduzindo-nos no nosso *corpus*, isto é, na obra de Guimarães Rosa, procuramos acompanhar o aparecimento do significante *sertão* e de outros significantes que carreguem os significados referidos – campo não cultivado, longe de povoações –, construtores da figura sertão para tratarmos do objeto de nossa investigação.

Este estudo coloca-nos, de imediato, diante da distinção de sertão como espaço diegético, em que as personagens de Guimarães Rosa vivem e morrem, e espaço mencionado, a que narradores ou personagens de narrativas e poemas de *Magma* aludem. Em ambas as situações, somos obrigados a considerar como signo a ausência do signo “natural” *sertão*, quer representado pela sua constituição formal, quer pelo seu conteúdo, expresso através de outros significantes.

Se nos reportarmos às primeiras narrativas rosianas publicadas, ou seja, aos contos de juventude, que denominamos imaturos, veremos que estamos muito longe da ocorrência de um ou outro caso. As histórias têm como espaço diegético regiões longínquas em relação ao espaço brasileiro. A ambientação se dá nos Alpes, na Escócia, no sul da Alemanha. No único texto cuja localização é representação de realidade nacional, a gruta de Maquiné, a ação se dá em passado remotíssimo e, como nas outras narrativas daquele momento, a imaginação corre à larga. Guimarães Rosa tinha grande fascínio – revelado por ele mesmo ou por terceiros – por diferentes culturas, civilizações longínquas, de que a ambientação desses contos e de outras narrativas e poemas é prova.

Do mesmo modo, o exame da relação de temas por nós levantados no conjunto de poemas de *Magma* – animais, natureza, vida no campo, manifestações culturais negras e indígenas, mitos e credences

nacionais, frustração amorosa, reflexões filosóficas – revela que o sertão não ocupa aí um espaço. Nem mesmo tomando-se os poemas em particular ocorre a presença desse elemento (Leonel, 2000). A escolha da expressão “vida no campo”, para a investigação dos poemas que têm tal temática, deu-se, justamente, por tratar-se de campo em oposição à cidade, naquilo que são as características mais comuns dessa dicotomia e não de vida no sertão.

Ao que tudo indica, a palavra “sertão” aparece uma única vez em *Magma*, no poema “Boiada”:

– “Eh boi!... Eh boi!...

É gado magro,
é gado bravo,
que vem do *sertão*.
E os cascos pesados,
atropelados,
vão martelando o chão
na soltura sem fim do Chapadão do Urucúia...

[...]

– “Galopa, Joaquim,
que o gado estoura
por esse Goiás afora!...
Enterra a espora!...” (Rosa, 1997, p.28, 30, grifo nosso)

Nesse caso, sertão é lugar longínquo; podemos até mesmo arriscar a suposição de que ocupa, em *Magma*, o espaço de ambientações pitorescas como em contos anteriores, isto é, de lugar geográfico e etnográfico não apenas distante, mas distinto, diverso, propício a fomentar o imaginário, a produzir especulações acerca do diferente e mesmo do exótico. É o espaço mencionado. O sentido do termo “sertão” vincula-se, portanto, a um traço levantado na redução do objeto “natural” sertão à figura sertão: distante, longe.

O sertão em *Sagarana*: de espaço geográfico relativizado a espaço interiorizado

Já em *Sagarana*, logo na primeira página do primeiro conto da coletânea – “O burrinho pedrês” –, lemos: “Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Sêrro, ou não sei onde no *sertão*. Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual” (idem, 1982, p.3, grifo nosso).

Novamente sertão é o espaço distante daquele em que os acontecimentos se dão, como em *Magma*. Não se revela com precisão o lugar de origem do burrinho: o importante é que se trata de um espaço longínquo, “não sei onde”. Essa indicação aproxima-se de outra, páginas depois: “O pantaneiro mascarado, de embornal branco e quatrolhos, nasceu, há três anos, na campina sem cercas. Não tem marca de ferro, não perdeu a virilidade, e faz menos de seis meses que enxergou gente pela primeira vez” (ibidem, p.6).

É o gado “brabeza”, selvagem, que tanto trabalho dá aos peões.

João Manico, o vaqueiro de “O burrinho pedrês”, de quem todos querem ouvir a história do negrinho e da boiada que estourou durante a noite, começa assim o seu relato: “– Foi que a gente tinha ido por longe, muito longe mesmo, no fundo do *sertão*, lá para trás dos Goiás... [...]” (ibidem, p.55, grifo nosso). O gado que lá se encontra é “boi do mato, sem paciência, coisa ruim”, buscada “tão longe”.

Opõe-se ao espaço diegético, nomeado “região” no trecho seguinte:

[...] Chico-Chato [um dos nomes atribuídos ao burrinho pedrês], porque o sétimo dono, que tinha essa alcunha, se esquecera, ao negociá-lo, de ensinar ao novo comprador o nome do animal, e, na *região*, em tais casos, assim sucedia [...]. (ibidem, p.4, grifo nosso)

A região, ao contrário do sertão, é assim definida: “[...] no vale do Rio das Velhas, no centro de Minas Gerais” (ibidem). Trata-se de espaço ficticiamente localizado num recorte do vale composto pela

fazenda do Major Saulo, pelo arraial para onde a boiada é levada e, naturalmente, pelo riacho da Fome.

Nos textos de Guimarães Rosa examinados – desde os contos publicados em *O Cruzeiro* e em *O Jornal*, seguindo pelos poemas de *Magma* até *Sagarana* –, podemos dizer que há um momento de passagem para a obra posterior e esse momento está relacionado com um componente fundamental de sua obra que estamos procurando acompanhar: o sertão.

Nos contos de juventude, temos “Maquiné”, em que, embora os acontecimentos se deem em época remota, o espaço tem já relações com o universo mineiro. De *Magma*, vemos os poemas “Boiada” e “Maleita” como matrizes de contos de *Sagarana* com tal característica (Leonel, 2000). Tomando-se essa coletânea de estreia, a mudança a que nos referimos, em todos os sentidos, está em “A hora e vez de Augusto Matraga”: é a narrativa mais bem realizada do livro e traz germes de *Grande sertão: veredas*. A ambiguidade que está na base do romance, de algum modo, tem sementes naquele conto: o bordão do protagonista reúne, de imediato, as realizações do bem e do mal, para dizer de um modo tão simplificado quanto o próprio refrão de Augusto Matraga em busca de redenção: “– Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (Rosa, 1982, p.338).

A relação desse conto com o romance estabelece-se também pela presença do grupo de jagunços e da violência na narrativa curta, para só mencionar os elementos mais visíveis. No conto em questão, quando Matraga pôde andar, seus planos consistiram justamente “em ir para longe, para o sitiozinho perdido no *sertão* mais longínquo – uma data de dez alqueires, que ele não conhecia nem pensara jamais que teria de ver, mas que era agora a única coisa que possuía de seu” (ibidem, grifo nosso).

Para renascer é que Matraga escolhe esse lugar, para conseguir elevação espiritual, para purificar-se, começando do princípio. A descrição da ida para o sertão constrói, pouco a pouco, o distanciamento de lugares com construções e fazendas, até um povoado ao qual só chegavam vaqueiros fora da rota:

[Matraga e “o casal de pretos samaritanos”] Foram norte afora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos amocambados, de quilombo a quilombo. Para além do Bacuparí do Boqueirão, da Broa, da Vaca e da Vacaria, do Peixe-Bravo, dos Tachos, do Tamanduá, da Serra-Fria, e de todos os muitos arraiais jazentes na reta das léguas, ao pé dos verdes morros e dos morros de cristais brilhantes, entre as varjarias e os cordões-de-mato. E deixavam de lado moendas e fazendas, e as estradas com cancelas, e roçarias e sítios de monjolos, e os currais do Fonseca, e a pedra quadrada dos irmãos Trancoso; e mesmo as grandes casas velhas, sem gente mais morando, vazias como os currais. E dormiam nas brenhas, ou sob as árvores de sombra das caatingas, ou em ranchos de que todos são donos, à beira das lagoas com patos e das lagoas cobertas de mato. Atravessaram o Rio das Rãs e o Rio do Sapo. E vieram, por picadas penhascosas e sendas de pedregulho, contra as serras azuis e as serras amarelas, sempre. Depois, por baixadas, com outeiros, terras mansas. E em paragens ripuárias, mas evitando a linha dos vaus, sob o voo das garças, – os caminhos por onde as boiadas vêm, beirando os rios.

E assim se deu que, lá no povoado do Tombador, – onde, às vezes, pouco às vezes e somente quando transviados da boa rota, passavam uns bruaqueiros tangendo tropa, ou uns baianos corajosos migrando rumo sul, – apareceu, um dia, um homem esquisito, que ninguém não podia entender. (ibidem, p.338-339)

Vivendo no fim de mundo do sertão do Tombador, “Nhô Augusto estava no escuro e sozinho, cercado de capiaus descalços, vestidos de riscado e seriguilha tinta, sem padre nenhum com quem falar” (ibidem, p.342). O lugar dá azo a comentário do narrador que, de certa maneira, antecipa o que vemos em *Grande sertão: veredas*: “Mas, como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor [...]” (ibidem, p.340), ou seja, o sertão é múltiplo como o mundo, enorme e mínimo e nele tudo acontece como em qualquer lugar. É o que nos informa a sequência do trecho: em “consequência de um estouro de boiada na vastidão do planalto, por motivo de uma

picada de vespa na orelha de um marruaz bravio, combinada com a existência, neste mundo, do Tião da Thereza [...]”, deu-se um fato que levou Nhô Augusto a passar por grande provação: saber que a mulher dele estava amigada, seu ajudante havia sido assassinado e a filha tinha se tornado prostituta.

Nesse povoado, Matraga, tendo passado por outras provações, vagarosamente vai retornando à vida e, assim, a certeza de que o tempo de penitência havia acabado dá-se pelo envolvimento com a natureza do sertão, representada pelas aves, passagem em que o significante é parte da construção do significado: “[...] um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros [...] verdinhas, grulhantes, gralhantes [...]. E agora os periquitos, os periquitinhos de guinchos timpânicos [...]” (ibidem, p.354).

O sumiço das aves traz o seguinte comentário:

– Não passam mais... Ô papagaiada vagabunda! Já devem de estar longe daqui...

Longe, onde?

*“Como corisca, como ronca a trovoada,
no meu sertão, na minha terra abençoada...”*

Longe, onde?

*“Quero ir namorar com as pequenas,
com as morenas do Norte de Minas...”*

Mas, ali mesmo, no sertão do Norte, Nhô Augusto estava. Longe onde, então? (ibidem, p.355-356, grifos do autor)

No excerto, sertão surge como o que está longe e o que está perto – “ali mesmo”. E a questão: “Longe onde, então?”, que, de certo modo antecipa a forma de ver o sertão em *Grande sertão: veredas*, como o que é perto. Além disso, na sequência do discurso narrativo, Matraga, certo de que havia chegado a sua hora, “já madurinho de

não ficar mais” (ibidem, p.356), acompanhado de um jumento, despediu-se do “povinho” do Tombador e cantou:

Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, nos caminhos do *sertão*.

Parou, para espiar um buraco de tatu, escavado no barranco; para descascar um ananás selvagem, de ouro mouro, com cheiro de presépio; para tirar mel da caixa comprida da abelha borá; para rezar perto de um pau d’arco florido e de um solene pau d’óleo, que ambos conservavam, muito de-fresco, os sinais da mão de Deus. E, uma vez, teve de se escapar, depressa, para a meia-encosta, e ficou a contemplar, do alto, o caminho, belo como um rio, reboante ao tropel de uma boiada de duas mil cabeças, que rolava para o Itacambira, com a vaqueirama encourada – piquete de cinco na testa, em cada talão sete ou oito, e, atrás, todo um esquadrão de ulanos morenos, cantando cantigas do alto *sertão*. (ibidem, p.356-357, grifos nossos)

No mínimo o que se tem na citação é o protagonista imantado pelo *sertão* que o leva à plenitude. Não é ainda o *sertão* que se apresenta no romance, mas um caminho para ele, dado que o *sertão* é considerado como instância do interior da personagem e do ser humano.

De todo modo, o caminho de ida para o *sertão* – em que os lugares se mostram cada vez menos povoados – corresponde ao da saída, rumo ao arraial do Muricí, de onde Nhô Augusto viera, em que se dá, naturalmente, o contrário:

Mas, somadas as léguas e deduzidos os desvios, vinham eles [Nhô Augusto e o jumento] sempre para o sul, na direção das maitacas viajoras. Agora, amiudava-se o aparecimento de pessoas – mais ranchos, mais casas, povoados, fazendas; depois, arraiais, brotando do chão. E então, de repente, estiveram a muito pouca distância do arraial do Muricí. (ibidem, p.359)

Deixando o sertão longínquo e quase desabitado, é seguindo justamente as maitacas, numa escolha própria da subjetividade, que o protagonista atinge o lugar de partida.

Sertão: do sem lugar ao misterioso

Em *Grande sertão: veredas* encontramos, ao longo de suas 460 páginas (na edição consultada), o ápice da construção dos dois sentidos pelos quais o termo “sertão” ficou conhecido na obra rosiana: região física e região interior do ser humano. O romance inicia-se com o protagonista-narrador Riobaldo contando a história de um bezerro “erroso” que nascera com cara de diabo: “[...] figurava rindo feito pessoa [...] cara de gente, cara de cão; determinaram – era o demônio” (idem, 1968, p.9). Essa cena é condensada anaforicamente pelo pronome demonstrativo “isto”: “O senhor tolere, isto é o sertão” (ibidem). O anafórico neutro “isto” equivale a sertão, onde se passam ações que recebem predicacões disfóricas: “[...] povo pascóvio, mataram.” [...] depois, então, se vai ver se deu mortos” (ibidem).

Tentando explicar que algumas pessoas não atribuem predicados disfóricos a sertão, Riobaldo comenta: “Uns querem que não seja: que situado *sertão* é por os campos-gerais afora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia” (ibidem, grifo nosso). Hesitando entre visões eufóricas e disfóricas de sertão, Riobaldo busca saber o que ele é. Relativizando a definição de sertão, ele, como protagonista-narrador, afirma:

Para os de Corinto e do Curvelo, então o aqui não é dito *sertão*? Ah, que tem maior! Lugar *sertão* se divulga: é onde os pastos carecem de fechos: onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde o criminoso vive seu cristo-jesus, arre-dado de arrocho de autoridade. (ibidem, grifos nossos)

O excerto traz a informação de que o lugar em que estão é e não é sertão, pois o sertão é “maior”, contém espaços longínquos, sentido

que implica espaço virgem, desconhecido, misterioso. O ponto significativo é que o questionamento e o que se segue a ele comprovam que a narrativa, logo na primeira página, busca a definição de sertão. Riobaldo quer preencher o sentido generalizante do pronome “onde” atribuído a esse vocábulo, na citação acima. Se sertão é e não é aqui, conclui Riobaldo ainda no início da sua narração: “O *sertão* está em toda parte” (ibidem, grifo nosso).

A partir dessa constatação catafórica, Riobaldo começa a figurativizar, para o atento ouvinte culto, com pequenas narrativas – como aquela do bezerro “erroso” que inicia, no texto, o diálogo entre eles, de que nos é apresentada apenas a metade – que funcionam como exemplos do que seja sertão. São histórias inusitadas, como, por exemplo, a de José Simplício, que tinha um filho que figurava o capeta, a de Maria Mutema, que mata o marido colocando chumbo no ouvido e depois um padre por meio de palavras. Tais cenas passadas entremeiam a cena presente, quando o narrador exclama diante do sertão indefinível: “Viver é muito dificultoso”. No passado, Riobaldo-jagunço viveu e, enquanto ser vivente, não pensou, era modalizado pelo *querer-fazer*. No presente, Riobaldo-fazendeiro, “de range rede”, é modalizado pelo *querer-saber*. Como narrador, no presente da narração, tenta, em muitos momentos, definir o sertão para que o doutor o ajude a compreendê-lo e a interpretar a sua vida, que, com o sertão, pode-se dizer que constitui uma unidade:

[...] senhor sabe: *sertão* é onde manda quem é forte, com as astúcias. (ibidem, p.17, grifo nosso)

Sertão. Sabe o senhor: *sertão* é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. (ibidem, p.22, grifos nossos)

Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. (ibidem, p.86, grifo nosso)

“O *sertão* é sem lugar.” (ibidem, p.268, grifo nosso)

“O *sertão* aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga.” (ibidem, p.370, grifo nosso)

Podemos considerar, a partir de tal caracterização, que o *sertão* é dominado pela força e pela astúcia, que não há explicações definitivas, que o *sertão* está em todo lugar, conforme Riobaldo apreendeu pelas experiências vividas.

O *sertão*: do cosmológico ao noológico

Todavia, se *sertão* é “sem lugar” e pode ter vários nomes, as predicções acidentais atribuídas a esse termo recuperam o seu sentido primeiro de longínquo. Mas esse lugar longínquo, que, nas primeiras obras do autor, refere-se a um espaço cosmológico, o espaço físico do *sertão* ou do mundo, em *Grande sertão: veredas* é construído por Riobaldo como um espaço noológico, de ordem interna: “Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? Aqui é Minas; lá já é a Bahia? estive nessas vilas, velhas, altas cidades... *Sertão* é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do *sertão*? *Sertão* é dentro da gente” (ibidem, p.235, grifos nossos).

Se o *sertão* “é dentro da gente” e ele é o lugar onde o demônio vige, conclui Riobaldo: “No coração da gente, é que estou figurando. Meu *sertão*, meu regozijo! Que era o que a vozinha dizia: – ‘Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar a tua decisão’ [...]; o demo então era eu mesmo?” (ibidem, p.356, grifo nosso).

Sertão, em *Grande sertão: veredas*, é, portanto, o homem, o lugar do encontro consigo mesmo, como lemos nas derradeiras frases do romance: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia” (ibidem, p.460).

Retomando as quatro definições lexicográficas, transcritas do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999), no início do nosso item “Sentidos de *sertão*”, verificamos que os gêneros próximos, as classes culturais a que

pertencem os termos “região”, “terreno”, “interior”, “zona”, em que a palavra “sertão” se enquadra, podem ser subsumidos pelo arquilexema “lugar” e que as diferenças específicas – distante das povoações, longe do litoral, pouco povoado – presentes em todas as paráfrases do dicionário figurativizam o traço semântico do “longínquo”. A partir dos traços comuns dessas definições, é possível estabelecer a essência do termo “sertão” ou seu traço figural: lugar longínquo, que remete à definição etimológica dessa palavra.

Barroso (1952, p.52), no artigo “Vida e história da palavra sertão”, fundamentado em vários dicionários, explica que sertão é uma forma aferética de desertão: “Pensa-se em geral que sertão nada mais é do que a corruptela ou abreviatura de desertão, o deserto grande, apelativo dado às regiões despovoadas e hístpidas da África equatorial pelos portugueses, que dali o levaram para outras paragens”.

Ainda que reconhecendo a dificuldade, levantada por Antenor Nascentes (1955), de explicar-se o ensurdecimento do /s/, consideremos essa explicação para a etimologia de sertão, para propormos o que se segue.

Orecchioni (1967, p.651), no artigo “Contribution à l’étude du mot ‘sertão’”, explica que esse termo é anterior à descoberta do Brasil e foi empregado já na carta de Pero Vaz de Caminha, em maio de 1500, nas folhas 10 e 13 da edição fac-similar de Jaime Cortesão, em que ele escreve, por exemplo, “Não duvido que por esses sartaão haja muitas aves”.

A acepção 4, “zona pouco povoada do interior do Brasil [...]” (Ferreira, 1999, p.1.845), denomina uma região do Nordeste do país e caracteriza o termo como brasileiro. Mas a esse possível neologismo semântico subjaz o sentido primeiro atribuído às terras descobertas por Pedro Álvares Cabral em que, na carta de Caminha, aparece como dúvida.

No artigo citado, à página 653, Orecchioni (1967) explica o sentido que os colonizadores atribuíam a essa palavra quando se referiam ao Brasil:

Essa evolução compreende-se muito facilmente se considerarmos o fato de que a palavra foi importada pelos colonizadores vindos d'além Atlântico, que desembarcam em um país coberto por espessas florestas e cujo interior estava isolado do litoral por cadeias montanhosas, tornando a penetração difícil: para eles, a noção de interior das terras, expressa pelo termo usual sertão, implicava forçosamente uma noção de desconhecido, de mistério, de espaço virgem, provavelmente imenso, ao mesmo tempo inquietante e atraente. O sertão exercia, e não deixou de exercer sobre os homens, uma espécie de fascinação que não se explica unicamente pela esperança de lá encontrar fabulosas riquezas: é um pouco o "longínquo", dos românticos.¹

Guimarães Rosa (1971, p.295), na entrevista denominada "Literatura deve ser vida", afirma: "[...] eu quero voltar cada dia à origem da língua, ali, onde a palavra ainda está abrigada nas entranhas da alma, para que eu possa dar-lhe luz segundo minha imagem". O emprego do vocábulo "sertão" no romance tem a ver com o sentido anteriormente explicitado, implicando o desconhecido, o misterioso, o "espaço virgem", que tem, portanto, relação com a imagem pessoal procurada pelo escritor. Estamos distantes das primeiras obras, em que sertão não era atualizado com o traço humano, referindo-se somente a uma região física. A narrativa "A hora e vez de Augusto Matraga" já apresenta, no sentido desse termo, o traço humano, construindo o sentido região humana, ou condição do interior da personagem, que é amplamente explorado em *Grande sertão: veredas*.

1 "Cette évolution se comprend assez facilement si l'on tient compte du fait que le mot était importé par des colonisateurs venus d'outre-Atlantique, débarquant dans un pays couvert d'épaisses forêts et dont l'intérieur était isolé du litoral par des chaînes montagneuses, rendant la pénétration difficile: pour eux, la notion d'intérieur des terres, exprimée par le terme usuel de sertão, impliquait forcément une notion d'inconnu, de mystère, d'espace vierge, probablement immense, à la fois inquiétant et attirant. Le sertão exerçait, et n'a cessé d'exercer sur les hommes, une sorte de fascination qui ne s'explique pas uniquement par l'espoir d'y trouver de fabuleuses richesses: c'est un peu le 'là-bas...' des romantiques."

O levantamento e a análise dos sentidos de sertão nessas obras rosianas permitem-nos observar que o elemento figural da palavra, o *longínquo*, permanece. O que estabelece a diferença é a combinação que elabora Guimarães Rosa: a construção do primeiro sentido está ligada a uma isotopia cosmológica e a do segundo, a uma isotopia noológica.